



# História Transviada e suas comunidades de intelectuais – uma paisagem historiográfica a partir da Análise de Redes Sociais

Ronald Canabarro<sup>1</sup>  <sup>1</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, BrasilMaria José Afanador Lach<sup>2</sup> <sup>2</sup>Universidad de Los Andes, Bogotá, Colombia

## Resumen

No presente artigo, apresentamos uma paisagem historiográfica utilizando a Análise de Redes Sociais (ARS) como metodologia, destacando a formação de redes de intelectuais através das bancas de avaliação de teses e dissertações da pós-graduação em História no Brasil, no período de 1994 a 2022, em pesquisas que tratam das dissidências sexuais e desobediências de gênero. Para este estudo, utilizamos os dados disponibilizados pelo projeto História Transviada. Partimos do pressuposto de que, no contexto da profissionalização da carreira de historiador no Brasil, esses profissionais são responsáveis por conferir validade às pesquisas na pós-graduação, bem como pelo reconhecimento da pessoa avaliada como pesquisadora profissional. A aplicação da ARS permite observar que a formação dessas redes é marcada tanto por laços fortes, oriundos de relações de orientação formal, quanto por laços fracos, resultantes de interações mais transitórias, como as participações em bancas de avaliação.

**Palavras-chave:** Análise de redes sociais, historiografia universitária brasileira, redes de intelectuais, historiografia das dissidências sexuais, desobediências de gênero.

## Historia del artículo / Article Info

### Recibido/Received

30 de septiembre de 2024

### Aprobado/Accepted

5 de diciembre de 2024

### Publicado/Published online

12 de diciembre de 2024

### ✉ Correspondencia/Correspondence:

Ronald Canabarro  
Rua Antônio Barros de Castro, 119  
Cidade Universitária, Rio de Janeiro,  
Brasil.[ronalddcanabarro@gmail.com](mailto:ronalddcanabarro@gmail.com)

### Citación/Citation:

Canabarro, Ronald y Maria José Afanador Lach. "História Transviada e suas comunidades de intelectuais – uma paisagem historiográfica a partir da Análise de Redes Sociais." *La Palabra*, núm. 48, 2024, e18245 <https://doi.org/10.19053/uptc.01218530.n48.2024.18245>

# La Historia Transviada y sus comunidades de intelectuales - un paisaje historiográfico basado en el análisis de redes sociales

## Abstract

This article provides a historiographical analysis employing Social Network Analysis (SNA) as a methodological framework to highlight the formation of intellectual networks within Brazilian graduate programs in History between 1994 and 2022. Focusing on research concerning sexual dissidence and gender nonconformity, the study utilizes data made available by the História Transviada project (<https://historiatransviada.net.br/>). Underpinning this investigation is the premise that, amid the ongoing professionalization of historical scholarship in Brazil, historians on evaluation committees not only validate postgraduate research but also affirm the status of the evaluated individuals as professional researchers. The application of SNA reveals that the configuration of these intellectual networks involves both strong ties—those cultivated through formal advising relationships—and weak ties generated by more transient connections, such as participation on evaluation committees.

**Keywords:** Social Network Analysis; Brazilian academic historiography; intellectual networks; historiography of sexual dissidences; gender disobediences

## Transviada History and Its Communities of Intellectuals - a Historiographical Landscape Based on Social Network Analysis

## Resumen

En el presente artículo, presentamos un panorama historiográfico utilizando el Análisis de Redes Sociales (ARS) como metodología, destacando la formación de redes de intelectuales a través de las comisiones evaluadoras de tesis y disertaciones en los programas de posgrado en Historia en Brasil, en el período de 1994 a 2022, en investigaciones que tratan de las disidencias sexuales y desobediencias de género. Para este estudio, utilizamos los datos disponibles del proyecto Historia Transviada. Partimos del supuesto de que, en el contexto de la profesionalización de la carrera de historiador en Brasil, estos profesionales son responsables de conferir validez a las investigaciones de posgrado, así como del reconocimiento de la persona evaluada como investigadora profesional. La aplicación del ARS permite observar que la formación de estas redes está marcada tanto por lazos fuertes, derivados de relaciones formales de tutoría, como por lazos débiles, resultantes de interacciones más transitorias, como las participaciones en comisiones evaluadoras.

**Palabras clave:** Análisis de redes sociales, historiografía académica brasileña, redes de intelectuales, historiografía de disidencias sexuales, desobediencias de género.

## Introdução

A historiografia contemporânea está passando por uma “virada digital” (Leme Lopes 163). O uso de ferramentas digitais, métodos das Humanidades Digitais e o desenvolvimento da História Digital têm ganhado cada vez mais relevância, refletindo mudanças na “natureza do trabalho intelectual e da universidade” (Silveira 17). Embora os historiadores utilizem computadores há décadas, a digitalização em massa de fontes primárias, o advento da Internet, da Web 2.0, das inteligências artificiais e a interdisciplinaridade são fatores que, nos últimos anos, têm impactado profundamente a prática historiográfica. Hoje, o crescente volume de fontes digitais e a intensa produção acadêmica trazem novos desafios e oportunidades para a pesquisa histórica (Lucchesi; Nicodemo et al.).

No Brasil, o aumento da produção acadêmica nas últimas duas décadas é resultado, entre outros fatores, de políticas públicas que ampliaram o acesso ao ensino superior, especialmente sob governos progressistas pós-2002. Entre 2020 e 2023, o número de teses e dissertações no Brasil cresceu 19,03%, totalizando, nesse período um total, 285.360 trabalhos defendidos em todas as áreas de avaliação. Nesse mesmo período, na área de História, por exemplo, houve um aumento de 18,54%, chegando ao número de 30.601 teses e dissertações em 2023. Esse crescimento da produção científica permite, ou até exige, o uso de novas abordagens metodológicas, sendo as ferramentas digitais uma alternativa promissora para lidar com o grande volume de dados textuais, auxiliando na análise historiográfica.

Este artigo explora a formação de redes de intelectuais no campo da História por meio da Análise de Redes Sociais (ARS), utilizando dados de orientadores e membros de bancas de mestrado e doutorado. A pesquisa foca em estudos sobre dissidências sexuais e desobediências de gênero entre 1994 e 2022, sendo parte do projeto História Transviada<sup>1</sup>. O objetivo desse projeto foi construir uma “historiografia pública digital” através de dados extraídos de teses e dissertações e transformados em visualizações, disponíveis no site do projeto.

A proposta de “paisagem historiográfica” envolve a análise de dados textuais extraídos de um corpus de teses e dissertações, possibilitando uma “leitura distante” (Moretti). Essa abordagem oferece novas perspectivas sobre o desenvolvimento da historiografia ao permitir a visualização de grandes volumes de textos de forma sintetizada. O artigo se concentra na rede de orientadores e membros de bancas na área de História, destacando a importância dessas redes para o reconhecimento das pesquisas acadêmicas e a circulação de conhecimento sobre dissidências sexuais e desobediências de gênero.

Os dados analisados, extraídos do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e de bancos de dados de instituições de ensino superior, revelam a formação de redes de intelectuais que estudam a história de pessoas e comunidades com sexualidades e identidades dissidentes. Esses trabalhos abordam desde a pederastia grega, na antiguidade clássica, até as identidades contemporâneas definidas pela sigla LGB-TI+. A seleção de teses e dissertações foi feita com base em descritores específicos sobre dissidências

<sup>1</sup> Disponível em: <https://historiatransviada.net.br/>

sexuais e desobediências de gênero, abrangendo o período de 1994 a 2022, sendo o ano inicial quando surgiram as primeiras pesquisas sobre o tema em formato de tese e dissertação.

A análise dessas redes de intelectuais se mostra válida para compreender a história da historiografia, uma vez que os membros das bancas desempenham um papel central na validação e reconhecimento das pesquisas. O processo ritualístico de avaliação final, tanto no mestrado quanto no doutorado, legitima os pesquisadores como historiadores aptos a atuar profissionalmente. Além disso, o estudo das relações entre orientadores e membros de bancas destaca a importância dos “laços fracos” para a circulação do conhecimento acadêmico e para o reconhecimento intelectual.

A ARS, utilizada neste estudo, é uma ferramenta essencial nas discussões contemporâneas das Humanidades Digitais e da História Digital. Com raízes na sociologia de Georg Simmel e nas pesquisas de Jacob Levi Moreno, a ARS foi amplamente adotada nas ciências sociais a partir do século XX, especialmente após a incorporação da teoria dos grafos e o uso da informática para analisar as relações entre pessoas e instituições. Essa metodologia tem sido aplicada para investigar interações, alianças e fluxos de conhecimento, estando associada a um problema matemático histórico: o das sete pontes de Königsberg, resolvido por Leonhard Euler em 1735, que deu origem à Teoria dos Grafos (Souza et al. 12).

A análise de redes de intelectuais formadas por bancas de avaliação oferece *insights* valiosos para o estudo da historiografia, especialmente no contexto das dissidências sexuais e de gênero. Compreender essas redes pode revelar dinâmicas de poder e reconhecimento dentro da academia, ajudando a traçar um mapa das influências e interações que moldam esse campo emergente na historiografia brasileira. Ao investigar essas redes, este artigo contribui para a reflexão sobre as redes intelectuais que se formam a partir das relações de trabalho nos programas de pós-graduação em História no Brasil, ressaltando a importância de utilizar ferramentas digitais para enfrentar os desafios da pesquisa historiográfica no século XXI.

## **Redes Sociais e História**

Atualmente, o termo “redes sociais” é comumente associado a plataformas como Facebook, Instagram e TikTok, que transformaram a lógica de produção de conteúdo e interação, permitindo a criação e compartilhamento de informações pessoais e sociais. No entanto, a formação de “redes sociais” é uma característica intrínseca das interações humanas desde os primórdios da civilização. Relações familiares, vínculos de trabalho, associações em organizações e engajamentos políticos são exemplos dessas redes que moldaram as interações ao longo da história.

Uma rede social pode ser definida como um conjunto de relações estabelecidas entre atores, como indivíduos, organizações, movimentos sociais, conectados por diferentes tipos de vínculos (Souza et al. 13). É possível, por exemplo, analisar grupos de amigos, redes comerciais entre empresas ou até fluxos de conceitos em um corpus textual para entender inter-relações semânticas. Essas redes, geralmente complexas, são marcadas por variações e influenciadas por fatores como raça, classe, gênero, sexualidade e religiosidade. Dessa forma, “a definição de identidade no interior de uma rede é uma realidade fluida e múltipla” (Antunes 16).

O uso da análise de redes na pesquisa histórica começou a ganhar força a partir dos anos 1990, embora o campo tenha florescido nos últimos anos, ancorado em paradigmas das ciências sociais. Pesquisadores vêm trabalhando para superar desafios, como a falta de dados padronizados, para refinar esses métodos. A plataforma “Historical Network Research”, por exemplo, oferece um espaço para a divulgação de pesquisas que aplicam a análise de redes à História, além de editar o “Journal of Historical Network Research”, lançado em 2017, que publica contribuições desse campo interdisciplinar.

No Brasil, a análise de redes também tem sido aplicada em pesquisas históricas. Um exemplo é a tese de doutorado de Tiago Luis Gil, “Coisas do caminho: tropeiros e seus negócios do Viamão à Sorocaba (1780-1810)”, defendida na UFRJ em 2009. Gil utiliza a análise de redes para mapear relações de crédito entre tropeiros e outros profissionais ao longo desse percurso nos séculos XVIII e XIX, traçando trocas mercantis, dívidas e empréstimos. Outro exemplo é o livro “Redes Sociais e História”, de 2013, organizado por Tarcísio Botelho e Marco H. D. Van Leeuwen, que usa a análise de redes para estudar famílias e dinâmicas sociais em cidades mineiras dos séculos XVIII e XIX.

Um estudo de caso interessante é o trabalho de Fernanda Cláudia Pandolfi e Newton Paulo Bueno, que usaram a análise de redes para examinar a ascensão dos Médici na política florentina do início do século XV. Utilizando métricas de centralidade e conectividade, os autores demonstraram como certos agentes se destacaram em momentos históricos cruciais.

Além desses exemplos, a historiografia da época moderna tem incorporado a análise de redes em projetos digitais. Entre eles estão “Six Degrees of Francis Bacon”, “Circulation of Knowledge and Learned Practices in the 17th-century Dutch Republic” e “Mapping the Republic of Letters”, que exploram as conexões entre acadêmicos e pensadores europeus. Este último, em particular, investiga as redes sociais que surgiram nas academias científicas do século XVIII, rastreando a disseminação de informações, notícias políticas e circulação de pessoas e objetos. A análise geoespacial combinada com a visualização de redes sociais revelou aspectos dessas interações que não seriam perceptíveis apenas por meio de métodos hermenêuticos tradicionais.

Esses exemplos destacam o potencial da análise de redes sociais para ampliar as possibilidades de análise historiográfica. Ao estudar as relações entre indivíduos e/ou instituições ao longo do tempo, a análise de redes permite uma compreensão mais profunda das interações sociais em diferentes contextos históricos. Seja na reconstrução de redes familiares, no mapeamento de conexões acadêmicas ou na análise de dinâmicas políticas, a aplicação dessas ferramentas metodológicas oferece novas perspectivas sobre a complexidade das relações humanas.

A análise de redes sociais se apresenta como uma abordagem válida para a historiografia, revelando interações e estruturas que influenciam a formação de redes de intelectuais. Ao combinar bases de dados históricos com técnicas de visualização de redes, as pesquisas podem identificar novos padrões e levantar questões sobre as dinâmicas que moldam a história da historiografia, especialmente a universitária, no que se refere às dissidências sexuais e desobediências de gênero.

## Montando uma rede

O primeiro passo para a criação das informações que servirão de base para a análise das redes sociais é a construção de uma matriz de adjacências. Essa matriz, composta por linhas e colunas, estabelece numericamente a representação das relações existentes ou não entre os indivíduos ou organizações estudados, atribuindo um valor (peso) a essas relações, sendo 0 a inexistência e 1 a presença de relação, por exemplo. As redes podem ser representadas visualmente por meio de grafos, que são representações visuais baseadas em algoritmos matemáticos, utilizando nós (ou vértices) e arestas. Os nós representam os indivíduos ou organizações, enquanto as arestas são as linhas que indicam as relações entre esses diferentes atores (Souza et al.). Portanto, a utilização dessas redes sociais para análises requer um conhecimento básico sobre o funcionamento desses algoritmos e das estatísticas associadas aos seus resultados. No entanto, para fins das análises presentes neste trabalho, não entraremos nos detalhes dos cálculos matemáticos ou estatísticos, mas sim na forma como essas visualizações podem fornecer novos insights para a análise historiográfica.

Existem, basicamente, três tipos de ligações importantes em uma rede: *bridges* (pontes), *structural holes* (buracos estruturais) e cliques. As pontes são as ligações estabelecidas entre redes ou subgrupos, conhecidas como pontes locais, que representam conexões importantes para a análise da rede. Os buracos estruturais são áreas sem ligação que dificultam a comunicação entre redes ou subgrupos. Já um clique é uma parte de um subgrupo onde os vértices estão todos interligados, mesmo que às vezes separados por buracos estruturais. Essas características organizacionais da rede possibilitam analisar duas questões relevantes para a rede de intelectuais aqui estudada: a identificação dos *hubs*, que são nós caracterizados por um grande número de relações e que podem ser vistos como centros de aglutinação e difusão de conhecimento. Os *hubs* ajudam a entender como alguns nós podem ser considerados *authorities*, autoridades dentro de uma rede. Além disso, foram utilizadas análises de modularidade para identificar comunidades, processo também conhecido como clusterização, surgidas a partir da proximidade entre os agentes envolvidos. A formação de uma comunidade considera os grupos com forte grau de interação ou de conexões entre si<sup>2</sup>.

Atualmente, diversos softwares permitem a visualização de dados em rede a partir da importação de matrizes de adjacências. Para as análises deste trabalho, utilizamos o Gephi, um programa gratuito e de código aberto que oferece várias opções de algoritmos de visualização. O Gephi foi escolhido, entre outros motivos, por seus *plugins* que possibilitam o compartilhamento dinâmico das redes em páginas da internet, facilitando o acesso interativo aos dados. Um exemplo disso está disponível no site do projeto analisado, na aba Visualizar – Rede de Orientadores e Bancas.

Com esse panorama e alguns exemplos de aplicação do método da ARS em pesquisas históricas, propomos nos próximos parágrafos uma análise das redes sociais de orientações e bancas de avaliação de teses e dissertações, visando refletir sobre a formação desse campo por meio dos intelectuais que atuam como orientadores ou avaliadores em bancas de defesa de teses e dissertações e de como o método utilizado pode ser um auxiliar para análises de paisagens historiográficas.

<sup>2</sup> Para aprofundar a discussão indico Menezes, Victor Ströele de Andrade. *Análise de Redes Sociais Científicas*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012. E também o texto de Digiampetri, Luciano Antônio. *Análise da Rede Social Acadêmica Brasileira*. Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2015. Tese de Livre-Docência.



## Rede de intelectuais da historiografia sobre as dissidências sexuais e desobediências de gênero: refletindo sobre laços fracos e fortes

No Brasil, a historiografia que aborda as dissidências sexuais e desobediências de gênero tem crescido significativamente nas últimas três décadas (Schmidt). Esse crescimento pode ser observado a partir dos dados disponibilizados no projeto analisado, no qual demonstram que na primeira década (1994-2003) tivemos uma média de apenas uma tese ou dissertação defendida em História sobre a temática, na segunda década (2004-2013), essa média sobe para 4,6 teses dissertações defendidas por ano e, nos últimos anos (2014-2022), podemos observar uma média bem maior, com 20,44 teses e dissertações por ano (Canabarro, “Quantidade”). Com esse aumento significativo de produção de conhecimento na área, podemos observar também a formação de redes de intelectuais. Um dos locais profícuos para conhecermos essa rede de profissionais reside justamente na pós-graduação em História, local de formação dos profissionais que atuarão no mercado de trabalho da docência, pesquisa, extensão, entre outros.

No Brasil há um projeto chamado Plataforma Acácia, que busca mapear as relações de orientação na pós-graduação, criando uma genealogia acadêmica que conecta gerações de pessoas pesquisadoras e orientadoras. Com mais de 1,4 milhão de acadêmicos e 1,6 milhão de relações de orientação documentadas até 2022, o repositório oferece uma visão abrangente das dinâmicas de formação acadêmica no país. Entretanto, embora a plataforma forneça dados valiosos sobre os “laços fortes” – as relações de orientação formal – essas conexões, do nosso ponto de vista, não capturam toda a complexidade da constituição de redes intelectuais. Para uma análise mais integrativa, propomos incorporar os “laços fracos” que se formam em interações mais transitórias, mas igualmente significativas, como as participações em bancas de avaliação de mestrado e doutorado. O objetivo é observarmos essas conexões de maneira a perceber nelas suas nuances e padrões para a formação de uma comunidade de práticas de pesquisa.

A teoria dos laços fracos, proposta por Mark Granovetter em 1973, foi um achado contra intuitivo sobre a percepção de que as conexões mais frequentes e íntimas, os laços fortes, não são, necessariamente, as mais importantes em uma rede social. Granovetter demonstrou que os laços fracos – conexões menos frequentes – desempenham um papel crucial na disseminação de informações e na formação de pontes entre diferentes subgrupos dentro de uma rede<sup>3</sup>. Aplicando essa teoria ao contexto acadêmico brasileiro, especificamente ao campo da historiografia das dissidências sexuais e desobediências de gênero, podemos argumentar que a inclusão das bancas de avaliação na análise das redes acadêmicas revela um panorama mais completo da circulação de conhecimento e da formação de comunidades de práticas.

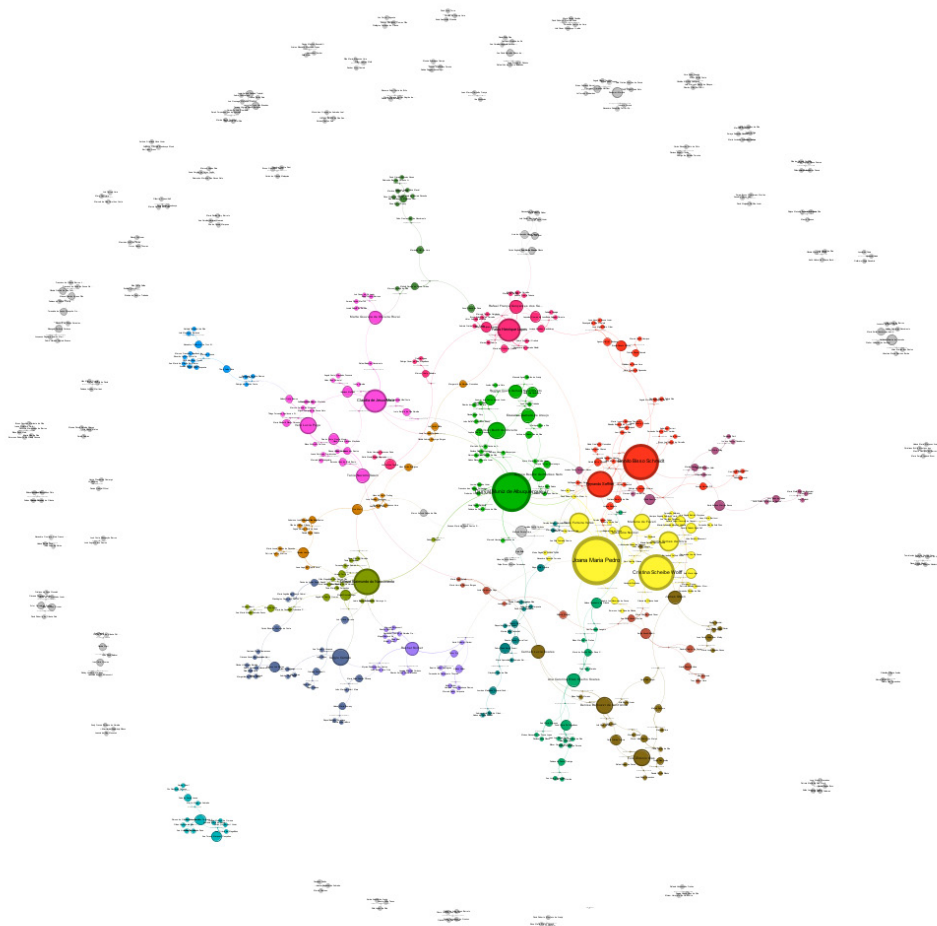
Em uma rede social, laços fortes e fracos são medidos a partir de “frequência dos encontros, intensidade afetiva e apoio mútuo” (Higgins e Ribeiro 100). Assim, enquanto as relações de orientação representam laços fortes e duradouros, que frequentemente envolvem trabalho colaborativo de longo prazo, as bancas de avaliação oferecem uma visão das “pontes” que unem diferentes comunidades acadêmicas, facilitando a troca de conhecimento entre pessoas de regiões e Instituições de Ensino Superior – IES, distintas.

<sup>3</sup> As discussões sobre essas especificações e os debates sobre a importância dos laços fracos nas relações estão presentes no livro de Higgins, Silvio Salej, e Antônio Carlos Ribeiro. *Análise de Redes em Ciências Sociais*. Enap, 2018.

Um olhar mais detalhado nos permite pensar as bancas de avaliação de mestrado e doutorado como umas das formas de conexão e formação de redes de intelectuais, para além e como parte dos eventos acadêmicos, como seminários, congressos e outros encontros realizados especificamente por área de pesquisa. As bancas de avaliação de mestrado e doutorado são aquelas que validam o conhecimento produzido na pós-graduação, assim, a relevância dos laços fracos na disseminação de informações e ideias entre diferentes subgrupos acadêmicos se torna clara quando observamos a estrutura das redes formadas por orientadores e avaliadores no campo da historiografia analisada.

Para a organização dos dados de análise de redes do *corpus* analisado, devido às diferentes importâncias dessas conexões, atribuiu-se pesos diferenciados: orientações receberam peso 2, enquanto participações em bancas receberam peso 1 (Canabarro, “Tese” 147). A soma desses valores determina a “importância” de uma pessoa na rede. Com essas considerações em mente, passamos a observar nossa rede de orientações e bancas de avaliação das teses e dissertações que versam sobre as dissidências sexuais e desobediências de gênero, na pós-graduação em História, no Brasil, entre 1994 e 2022:

Fig. 1. Rede de orientações e bancas de avaliação - 1994 a 2022.





A rede de orientações e bancas de avaliação apresentada, composta por 800 nós (pessoas) e 865 arestas (relações), evidencia uma estrutura fragmentada, com buracos estruturais e uma periferia que orbita em torno de um núcleo central de figuras influentes. No entanto, essa fragmentação não deve ser interpretada, necessariamente, como uma falha da rede, mas sim como uma característica de sua diversidade e riqueza.

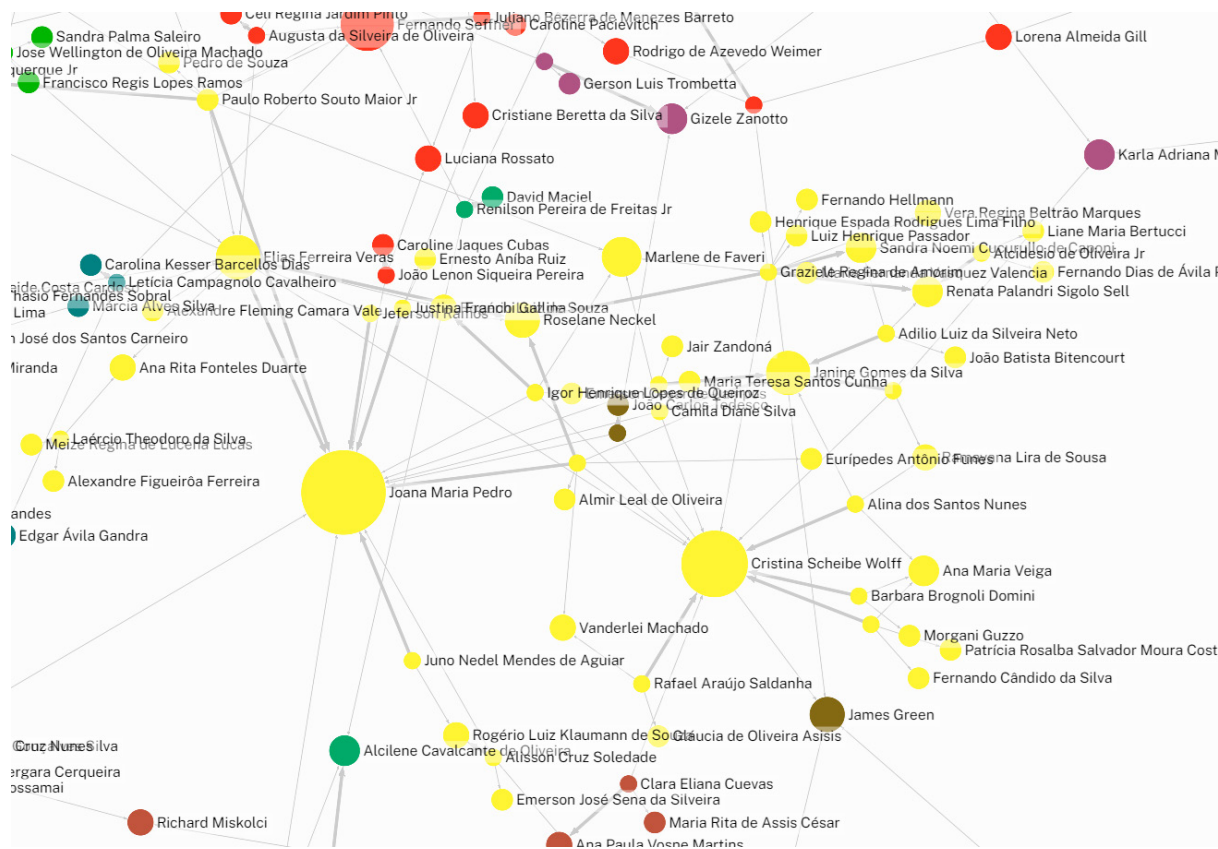
Começamos observando a centralidade de alguns acadêmicos dentro dessa rede. Figuras como a professora Dra. Joana Maria Pedro, os professores Drs. Benito Bisso Schmidt e Durval Muniz de Albuquerque Júnior se destacam nas relações de orientação, e suas participações em bancas amplificam ainda mais seu papel na consolidação das discussões sobre dissidências sexuais e desobediências de gênero. Esses acadêmicos não apenas supervisionam projetos em sua própria área de pesquisa, mas também validam os conhecimentos que emergem de outras regiões e instituições, reforçando sua centralidade na rede.

Um aspecto importante na análise das redes de orientação e bancas de avaliação é a distribuição geográfica das conexões. A região Sul do Brasil, especialmente Santa Catarina e Rio Grande do Sul, se apresenta como um polo central na formação de redes intelectuais sobre dissidências sexuais e desobediências de gênero, contrastando com a predominância numérica de pesquisas na região Sudeste. Esse dado é interessante de observar porque é contraintuitivo do mapa de distribuição das pesquisas no país, disponibilizado no site do projeto História Transviada na aba Buscar – Mapa do Brasil (Canabarro, “Mapa”), uma vez que o Sudeste possui uma maior quantidade de produção acadêmica na área e, ainda assim, aparece fragmentado na rede de intelectuais do campo das pesquisas sobre dissidências sexuais e desobediências de gênero, apresentando poucas pontes de conexões entre suas instituições a outras regiões.

Essa fragmentação pode ser atribuída a uma série de fatores, incluindo a predominância de vínculos pessoais e profissionais, que muitas vezes limitam a formação de bancas diversificadas, tornando os convidados para a banca mais próximos profissionalmente e afetivamente da pessoa orientadora e/ou orientada, do que especificamente algum especialista na temática da pesquisa sendo apresentada. Podemos observar que instituições como a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) se destacam pela formação de grupos mais interconectados, onde há uma maior circulação de ideias e colaborações entre diferentes pesquisadores. Esse padrão pode refletir uma maior coesão interna nessas instituições, o que pode estar relacionado à presença de núcleos de pesquisa dedicados especificamente a estudos de gênero e sexualidade, como o Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS), da UFSC, e o Close - Centro de Referência da História LGBTQI+ do Rio Grande do Sul. A UFSC tem destaque nacional e internacional também por outras iniciativas, como o evento “Fazendo Gênero”, seminário internacional, um dos maiores do país, em funcionamento desde 1994. Além disso, também promove o debate sobre gênero e sexualidade em outras áreas, como Antropologia e Sociologia já há mais tempo, tendo inclusive criado um Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas em 1995 com uma linha de pesquisa específica em Estudos de Gênero.

Como exemplo da maior conexão vindo da região sul, especificamente no Estado de Santa Catarina, observemos a parte da rede de intelectuais na qual a professora Dra. Joana Maria Pedro é a autoridade central:

Fig. 2. Fragmento da Rede de orientações e bancas de avaliação - 1994 a 2022.



No grupo centralizado pela professora Joana Maria Pedro, na cor amarela, destacam-se outros nomes, como é o caso da professora Cristina Scheibe Wolf, com quatro orientações e sete bancas; Janine Gomes da Silva, também com quatro orientações, mas com duas bancas de avaliação. Podemos ver ainda os nomes das professoras Roselane Neckel, com três orientações e uma participação em banca, e Marlene de Fáveri, sem orientações no corpus, mas com cinco participações em bancas de avaliação. As três primeiras são parte do núcleo de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, e a última, é da Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC. Fato importante de destacar, uma vez que essas intelectuais são parte dos núcleos de pesquisa em Gênero e de História das Mulheres<sup>4</sup> vinculadas a essas universidades.

Além disso, vale destacar que a UFSC, por meio de seus núcleos de pesquisa em gênero, não apenas atrai um número significativo de pesquisadores dedicados às sexualidades e gêneros dissidentes, mas também forma laços fracos importantes com outras regiões, especialmente através das bancas. Joana Maria Pedro, uma das figuras centrais dessa rede, acumula várias orientações, mas também atua como

<sup>4</sup> Especialmente podemos destacar as participações no Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) (<https://legh.cfh.ufsc.br/>) e do Instituto de Estudos de Gênero da UFSC, além das participações nos editoriais da Revista Estudos Feministas (<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/index>).

um elo essencial na validação do conhecimento produzido em outras universidades, conectando-se tanto a pesquisadores do Sul quanto de outras partes do Brasil.

Outro intelectual importante na grande rede é Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Embora não seja um pesquisador dedicado especificamente em sexualidades dissidentes, contribuiu significativamente para o campo através de seus estudos sobre masculinidades e sua aplicação da teoria foucaultiana. Sua participação em cinco bancas e suas sete orientações o posicionam como uma figura influente no Nordeste, conectando instituições como a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Embora sua pesquisa se concentre primariamente em temas relacionados às discussões sobre a “invenção” do Nordeste e questões das masculinidades<sup>5</sup>, ele também tem contribuído para a disseminação de ideias relacionadas às dissidências sexuais e desobediências de gênero, especialmente em suas participações em bancas que abordam esses temas.

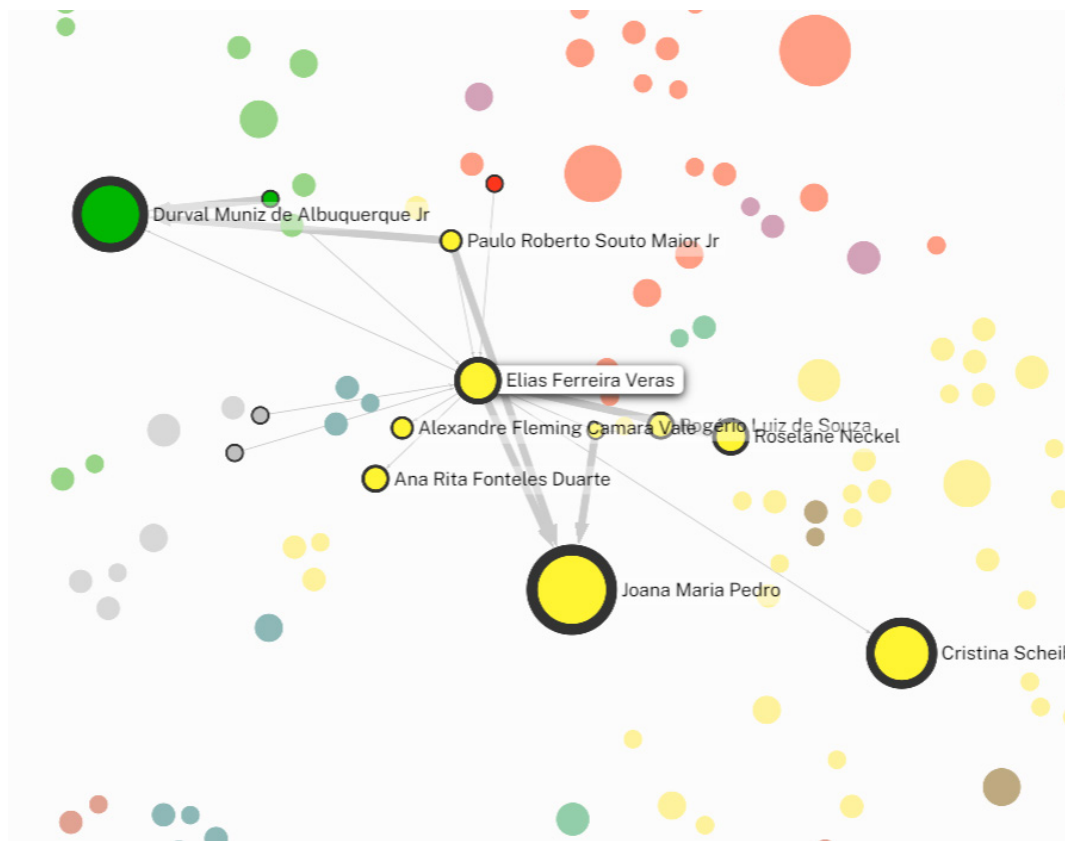
Já Benito Bisso Schmidt, com sua trajetória acadêmica no Rio Grande do Sul, representa uma ponte entre as redes do Sul e outras regiões do Brasil. Com três orientações e oito participações em bancas, ele se destaca não apenas por sua produção acadêmica, mas também por seu envolvimento em iniciativas como a criação do Close – Centro de Referência da História LGBTQI+ do Rio Grande do Sul, que promove a interseção entre a historiografia LGBTQIAPN+ e a história pública. Sua produção recente, que inclui livros e artigos dedicados às sexualidades dissidentes, reflete sua centralidade na produção de conhecimento sobre essas temáticas. Figurando como organizador de obras que reúnem texto de historiadoras e historiadores de vários locais do país e com abordagens bastante diversas, tais como *Clio sai do armário: historiografia LGBTQIA+*, de 2021, *Histórias Lesbitransviadas do Rio Grande do Sul*, de 2022, e *(Re)Existências LGBTQI+ e feminismo na ditadura civil-militar e na Redemocratização do Brasil*, de 2023, ele já representa um nome importante na área.

Uma análise um pouco mais detalhada da rede revela a existência de “pontes” que conectam subgrupos geograficamente e institucionalmente distantes, permitindo a troca de ideias entre comunidades que, de outra forma, poderiam permanecer isoladas. Essas pontes são formadas, principalmente, por acadêmicos que, embora não estejam no centro da rede, desempenham um papel crucial na disseminação do conhecimento.

Um exemplo é Elias Ferreira Veras, professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), que participou de seis bancas de avaliação, conectando quatro grupos distintos na rede. Sua atuação como avaliador o posiciona como uma ponte entre diferentes subgrupos, permitindo que ideias circulem entre a UFAL, a UFSC e a UFRN. Esse tipo de conexão exemplifica o papel essencial dos laços fracos na coesão macrossocial da rede, como discutido por Higgins e Ribeiro, que afirmam que “a ação coletiva e a coesão macrossocial dependem de uma estrutura de interações rica em laços fracos” (100). Como podemos observar no fragmento da rede em questão:

<sup>5</sup> Para saber mais leia: Albuquerque, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. Cortez, 2009.

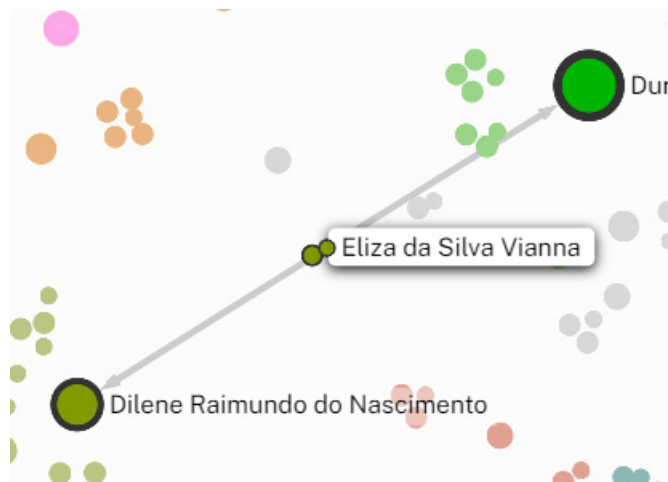
Fig. 3. Fragmento da Rede de orientações e bancas de avaliação - 1994 a 2022.



Veras tem se destacado também com publicações de livros na área, através de organizações de coletâneas, além de ter sido um dos responsáveis junto com Rita Colaço Rodrigues e Benito Bisso Schmidt por organizar um dos primeiros Simpósios Temáticos sobre a historiografia LGBTI+ do Encontro Nacional da Associação Nacional de História – ANPUH, em 2019. Também participou da criação da Rede de Historiadoras/es LGBTQIA+ brasileira, em 2020, e coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade (GEPHGS/UFAL/CNPq). Além dos livros em parceria nos anos anteriores, recentemente, em setembro de 2024, lançou o livro (In)Desejáveis: LGBTQIA+ e Feminismo na imprensa de Alagoas (século XX), organizado por ele e Roberta dos Santos Sodó, integrado por capítulos de vários historiadoras e historiadores.

Outro exemplo relevante é Eliza da Silva Vianna, cuja dissertação “Alguma coisa aconteceu comigo: a experiência soropositiva nas obras de Caio Fernando Abreu e Hervé Guibert (1988-1996)”, orientada pela professora Dilene Raimundo do Nascimento, da Fundação Casa de Osvaldo Cruz (FIOCRUZ) e teve o professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior como integrante da banca de avaliação. Vianna atua como uma ponte entre o grupo verde escuro, liderado por Nascimento, e o grupo verde, centrado em Albuquerque, criando uma conexão entre duas comunidades acadêmicas que, de outra forma, poderiam permanecer isoladas.

Fig 4 - Fragmento da Rede de orientações e bancas de avaliação - 1994 a 2022.

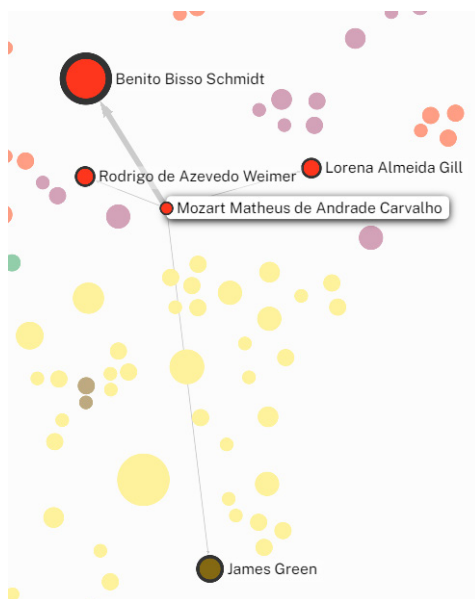


Fonte: <https://historiatransviada.net.br/rede-de-orientadores-e-bancas/>. Acesso em: 26/09/2024.

Essas pontes não apenas conectam diferentes instituições e regiões geográficas, mas também facilitam a circulação de ideias entre campos de estudo distintos, como a história das masculinidades e a história da saúde sexual, no exemplo citado. Sem essas conexões indiretas, o campo da historiografia das dissidências sexuais e desobediências de gênero no Brasil provavelmente seria mais fragmentado e isolado, limitando a troca de conhecimento e a colaboração interdisciplinar.

Outro exemplo, esse bem mais recente, é a dissertação de Mozart Matheus de Andrade Carvalho, defendida na UFRGS, sob a orientação do professor Benito Bisso Schmidt.

Figura 5 - Fragmento da Rede de orientações e bancas de avaliação - 1994 a 2022.



Fonte: <https://historiatransviada.net.br/rede-de-orientadores-e-bancas/>. Acesso em: 26/09/2024.

Sua pesquisa sobre as sociabilidades e táticas de resistência de homens homossexuais cisgêneros em Pelotas, no Rio Grande do Sul, contou com a participação do professor James Green, da *Brown University* dos Estados Unidos, como membro da banca, o que demonstra a importância das conexões internacionais e das pontes que se formam entre instituições brasileiras e estrangeiras. James Green, que atua principalmente nos Estados Unidos, é uma das figuras internacionais mais importantes nas redes acadêmicas de historiografia das dissidências sexuais e desobediências de gênero no Brasil. Sua presença em bancas de avaliação e a coorientação de pesquisas em universidades brasileiras reforçam a importância dos laços fracos na disseminação do conhecimento globalmente.

Esses exemplos nos dão uma ideia de como as bancas de avaliação podem funcionar como pontes que conectam diferentes campos de estudo dentro da área analisada, regiões geográficas e até mesmo países diferentes, facilitando o intercâmbio de ideias e promovendo a formação de redes mais interconectadas globalmente, por exemplo.

### **A Periferia da Rede: Fragmentação e assuntos específicos**

Além dos subgrupos conectados por pontes, a rede também apresenta uma “periferia” composta por pequenos grupos isolados ou mesmo indivíduos que não se conectam diretamente ao núcleo central. Entre esses grupos, 42 são formados por apenas um orientador e a respectiva banca de avaliação, não promovendo outra conexão com instituições ou pesquisadores que já tivessem circulado em outras bancas de avaliações da área.

Esses grupos periféricos são predominantemente localizados no Sudeste (21), seguidos de Sul (7), Nordeste (5), Centro-Oeste (5) e Norte (3), e refletem o isolamento de algumas instituições que, embora participem da produção acadêmica sobre dissidências sexuais e desobediências de gênero, não se conectam, muitas vezes, com outros centros de pesquisa. Esse isolamento pode ser atribuído a vários fatores, incluindo a falta de recursos para formar bancas diversificadas ou a ausência de uma tradição institucional voltada para estudos de gênero e sexualidade.

O Sudeste, portanto, que abriga um número substancial de pesquisas na área de dissidências sexuais e desobediências de gênero, é a região com maior número de buracos estruturais na rede. Esse padrão sugere que, embora a região tenha uma produção significativa de conhecimento, suas redes acadêmicas são menos coesas e interconectadas do que as redes do Sul e Nordeste. Por exemplo, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) aparece como uma das instituições com maior isolamento, com três pesquisas não conectadas a outros grupos. Esse padrão se repete na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e na Universidade Estadual Paulista (UNESP), onde as bancas de avaliação também são formadas por pesquisadores que não se conectam com outros subgrupos da rede.

Esses buracos estruturais, que resultam na formação de grupos isolados, representam um desafio para a coesão da rede como um todo. Embora a diversidade geográfica e institucional seja uma característica positiva, o isolamento excessivo pode limitar a troca de ideias e inovações metodológicas. Por outro lado, esses grupos periféricos também podem, em alguns casos, serem vistos como potenciais inovadores, trazendo novas perspectivas e abordagens que ainda não foram plenamente integradas ao núcleo central da rede.



Um fator importante que pode modificar significativamente a estrutura das redes acadêmicas nos próximos anos é o impacto da pandemia de COVID-19 e a crescente aceitação de bancas de avaliação realizadas por videoconferência. Antes da pandemia, a geografia desempenhava um papel determinante na formação de bancas, já que eram presenciais e com a maioria das interações ocorrendo entre pesquisadores de instituições próximas territorialmente. No entanto, com a adoção de videoconferências, as barreiras geográficas foram reduzidas, permitindo que pesquisadores de diferentes regiões e até países participem das bancas de avaliação.

Essa mudança pode potencialmente reduzir o isolamento dos grupos periféricos e aumentar a conectividade entre diferentes regiões do Brasil e do mundo. À medida que as barreiras físicas diminuem, espera-se que novas pontes se formem entre subgrupos anteriormente isolados, permitindo uma maior circulação de conhecimento e colaboração interdisciplinar.

No entanto, essa transição também apresenta desafios, como a necessidade de novas habilidades tecnológicas e a superação de resistências culturais à adoção de novas formas de avaliação acadêmica. Ainda assim, a tendência é que a pandemia tenha acelerado a transformação das redes acadêmicas, tornando-as mais interconectadas e menos dependentes de proximidades territoriais.

Por fim, essa mudança poderá ter um impacto significativo nas redes acadêmicas internacionais. A presença de pesquisadores estrangeiros em bancas de avaliação, como no caso de James Green, da *Brown University*, deve se tornar mais comum, facilitando a colaboração entre instituições brasileiras e internacionais. Isso poderá promover uma maior internacionalização da pesquisa brasileira sobre dissidências sexuais e desobediências de gênero, reforçando a importância das conexões globais na formação de redes acadêmicas internacionais.

### Considerações finais

No decorrer deste artigo, apresentamos uma parte da paisagem historiográfica composta por visualizações de redes de bancas de avaliação de mestrado e doutorado em História, no Brasil, focadas em pesquisas que tratam das dissidências sexuais e desobediências de gênero. Com base na Análise de Redes Sociais (ARS), buscamos compreender como a historiografia universitária pode ser analisada a partir das redes de intelectuais formadas por essas bancas de avaliação formal. Nossa investigação foi conduzida com os dados disponibilizados pelo projeto História Transviada.

A análise da historiografia das dissidências sexuais e desobediências de gênero, mediada pela Análise de Redes Sociais (ARS), a partir do apresentado, pode ser um auxiliar na compreensão de como esse campo emergente tem se conformado no Brasil nas últimas décadas. O crescimento da produção acadêmica, impulsionado pela ampliação do acesso ao ensino superior e o fortalecimento dos programas de pós-graduação, resultou na formação de redes intelectuais cada vez mais complexas e multifacetadas. Essas redes, compostas por orientadores e membros de bancas de avaliação, formam um núcleo importante do desenvolvimento de novos conhecimentos dentro da historiografia, especialmente em áreas que lidam com temas das sexualidades e gêneros dissidentes.

Ao lançar mão do conceito de paisagem historiográfica, proposto por Canabarro (“Tese” 204), torna-se possível visualizar a historiografia como um grande mosaico de interações e colaborações, e

as ferramentas digitais desempenham um papel crucial. A virada digital, que tem se consolidado nos últimos anos, oferece novos métodos para abordar o crescente volume de dados para análises. A Análise de Redes Sociais - ARS, em particular, revela-se como um meio eficaz de desvendar as conexões entre os atores acadêmicos que compõem essa paisagem, oferecendo novas formas de análise e interpretação.

Através da análise das redes de orientações e bancas de avaliação, percebemos que o campo da historiografia das dissidências sexuais e desobediências de gênero, apesar de fragmentado em alguns aspectos, possui núcleos de coesão que facilitam a circulação de ideias e o desenvolvimento de novas abordagens. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) são exemplos de instituições que se destacam como pólos dessa rede, reunindo pesquisadores cujos trabalhos não apenas avançam o campo, mas também atuam como pontos de conexão entre diferentes regiões e instituições.

No entanto, a fragmentação observada não deve ser entendida diretamente como um problema, mas como uma característica comum para uma rede em expansão, onde novas perspectivas e abordagens ainda estão se consolidando. A teoria dos “laços fracos” ajuda a entender como essas conexões mais esporádicas, formadas por participações em bancas de avaliação, podem ser tão importantes quanto os laços mais fortes e duradouros de orientação formal. A circulação de conhecimento através dessas pontes é essencial para que novas ideias sejam disseminadas e integradas à corrente principal da historiografia brasileira. Por outro lado, a existência de buracos estruturais, particularmente nas redes formadas por universidades do Sudeste, como a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), indica que ainda há desafios significativos a serem superados. O isolamento de alguns subgrupos acadêmicos, decorrente da falta de recursos ou da ausência de uma tradição institucional voltada para os estudos de gênero e sexualidade, limita a troca de ideias e impede o desenvolvimento de uma rede mais coesa e integrada. Esse isolamento é um reflexo das desigualdades regionais e institucionais que marcam o ecossistema acadêmico brasileiro, onde a produção de conhecimento é concentrada em algumas poucas instituições que conseguem atrair recursos e talentos.

A pandemia de COVID-19, ao transformar as dinâmicas de avaliação acadêmica, trouxe consigo a possibilidade de repensar essas conexões. As bancas realizadas por videoconferência, que se tornaram comuns durante o período pandêmico, têm o potencial de reduzir as barreiras geográficas que tradicionalmente limitavam a formação de bancas mais diversificadas. Com isso, as instituições mais isoladas, tanto geográfica quanto academicamente, podem começar a se conectar com outros espaços de produção de conhecimento, fortalecendo as redes intelectuais e promovendo uma maior circulação de ideias entre diferentes regiões e áreas de estudo.

No entanto, apesar das vantagens oferecidas pela ARS e pelas novas tecnologias digitais, há limitações importantes que devem ser reconhecidas. A dependência de dados estruturados, como aqueles presentes nos currículos Lattes ou nos catálogos da Capes, muitas vezes não captura a complexidade das interações acadêmicas. Como forma de ampliar a análise poder-se-ia incluir nessa rede de intelectuais as conexões e parcerias formadas através de eventos acadêmicos (simpósios, conferências, seminários, entre outros), colaborações em grupos de pesquisa e de redes internacionais, são apenas alguns dos aspectos que permanecem invisíveis nas análises baseadas exclusivamente nos dados utilizados.

Torna-se ainda importante esclarecer que a possibilidade de aplicação de metodologias digitais, como no caso da ARS, depende diretamente de acesso a banco de dados, e que por isso, o trabalho do projeto História Transviada se torna importante nesse contexto. Sabemos que, em muitos casos, as infraestruturas digitais que permitem esse tipo de pesquisa são escassas, especialmente nas periferias da América Latina e Caribe, e África (Afanador-Llach 201), por esse motivo a gestão de informação é peça chave para mudanças significativas na escala de análises historiográficas, da leitura próxima à leitura distante, e no caso em específico desse artigo, da análise de redes.

Para futuras pesquisas, seria interessante expandir o escopo da análise de redes para incluir não apenas as orientações e bancas de avaliação, mas também colaborações em publicações acadêmicas, participações em eventos científicos e até mesmo interações em plataformas digitais. A crescente importância das mídias digitais, como *podcasts*, blogs e redes sociais, na disseminação do conhecimento acadêmico, pode ser integrada às análises, uma vez que essas plataformas estão cada vez mais moldando as formas como os historiadores interagem entre si e com o seu público. Além disso, uma análise mais profunda das conexões internacionais poderá revelar padrões de colaboração que ainda não foram suficientemente explorados, contribuindo para uma compreensão mais global e interconectada do campo. Ao olharmos para o futuro, nos parece importante observar que a historiografia das dissidências sexuais e desobediências de gênero no Brasil continuará a se expandir e se diversificar, refletindo tanto as transformações sociais e políticas mais amplas quanto as mudanças internas da academia. O papel central de figuras como Joana Maria Pedro, Benito Bisso Schmidt e Durval Muniz de Albuquerque Júnior ilustra como alguns acadêmicos têm atuado como verdadeiras pontes entre diferentes subgrupos e regiões, facilitando a troca de ideias e a inovação metodológica. Ao mesmo tempo, a periferia dessa rede, composta por pequenos grupos isolados, apresenta tanto desafios quanto oportunidades. Esses grupos, embora desconectados do núcleo central, podem atuar como focos de inovação e experimentação, trazendo novas abordagens e perspectivas para o campo.

Em última análise, o futuro da pesquisa historiográfica no Brasil, especialmente no que diz respeito às dissidências sexuais e desobediências de gênero, dependerá da capacidade dos acadêmicos e das instituições de superarem as barreiras institucionais e geográficas que ainda persistem. A adoção de novas metodologias e tecnologias, aliada a uma maior internacionalização das redes acadêmicas, poderá permitir que o campo se torne mais inclusivo, diversificado e interconectado. Ao mesmo tempo, é essencial que os pesquisadores continuem a questionar e incluir as novas ferramentas metodológicas utilizadas, garantindo que a complexidade das interações acadêmicas seja devidamente capturada e analisada.

## Declarações finais

**Contribuições dos autores:** Ronald Canabarro: curadoria de dados, conceitualização, análise formal, pesquisa, recursos, supervisão, redação (rascunho original), redação (revisão e revisão/edição), metodologia, software, visualização; Maria José Afanador Lach: análise formal, pesquisa, metodologia, redação (rascunho original), redação (revisão e revisão/edição).

**Implicações éticas:** os autores declaram que não houve implicações éticas na condução do trabalho.

**Financiamento:** O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

**Conflitos de interesse:** não houve conflitos de interesse na condução da pesquisa.

## Referências

- Afanador-Llach, Maria José. “Las Humanidades Digitales y los retos de acceso a la cultura en América Latina”. *Archivos Abiertos: El patrimonio documental cubano y la transformación digital*, editado por Tobias Kraft, Antonio Rojas Castro e Grisell Terrón Quintero. De Gruyter, 2024, pp. 201-214. Web. 11 de setembro de 2024. <https://doi.org/10.1515/9783111187846-009>
- Albuquerque, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 4ta ed., Cortez, 2009. Impresso.
- Antunes, Cátia. “A História da Análise de Redes e a Análise de Redes em História”. *História: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol. 2, 2012. Web. 29 de janeiro de 2024. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/1233>
- Botelho, Tarcísio, e Marco H.D. Leeuwen, editores. *História Social: Perspectivas Metodológicas. Verdades & Cenários*, 2012. Impresso.
- Canabarro, Ronald. *Historiatransviada.com – Dar a Ver uma Historiografia Pública Digital*. 2024. Fundação Getúlio Vargas, CPDOC. Tese de doutorado. Web. 24 de setembro de 2024. <https://repositorio.fgv.br/items/bf06b4a6-e41c-4b46-99dc-3db567a4d60d>
- . “Rede de orientadores e bancas de avaliação”. *História Transviada*, 28 de junho de 2023. Web. 18 de setembro de 2024. [www.historiatransviada.net.br/rede-de-orientadores-e-bancas/](http://www.historiatransviada.net.br/rede-de-orientadores-e-bancas/)
- . “Mapa do Brasil”. *História Transviada*, 28 de junho de 2023. Web. 18 de setembro de 2024. <https://historiatransviada.net.br/dissertacoes-e-teses/mapa-da-producao/>
- . “Quantidade de Teses e Dissertações Defendidas por Ano”. *História Transviada*, 28 de junho de 2023. Web. 22 de setembro de 2024. <https://historiatransviada.net.br/indicadores/>
- Carvalho, Mozart Matheus de Andrade. “Os Doces Prazeres de Pelotas”: Sociabilidades e Táticas de Resistência de Homens Homossexuais Cisgêneros na “Capital das Bichas”. 2022. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Dissertação de mestrado. Impresso.
- “Centro de Estudos em Lutas Sociais e Saúde (CLOSE)”. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Web. 28 de setembro de 2024. <https://www.ufrgs.br/close/>
- “Circulation of Knowledge and Learned Practices in the 17th-Century Dutch Republic”. CKCC. Web. 13 de setembro de 2024. <http://ckcc.huygens.knaw.nl/>
- Digiampetri, Luciano Antônio. *Análise da Rede Social Acadêmica Brasileira*. 2015. Universidade de São Paulo, tese de Livre-Docência. Impresso.
- Gil, Tiago Luís. *Coisas do Caminho: Tropeiros e Seus Negócios do Viamão à Sorocaba (1780-1810)*. 2009. Universidade Federal do Rio de Janeiro, tese de doutorado. Impresso.

Higgins, Silvio Salej, e Antônio Carlos Ribeiro. *Análise de Redes em Ciências Sociais*. Enap, 2018. Impresso.

“Historical Network Research”. Historical Network Research. Web. 13 de setembro de 2024. <http://historicalnetworkresearch.org/>

“Journal of Historical Network Research”. Journal of Historical Network Research. Web. 13 de setembro de 2024. <https://jhnr.uni.lu/index.php/jhnr>

Leme Lopes, André Pereira. “Virada Digital? Pesquisa Histórica no Ciberespaço”. *Tempo e Argumento*, vol. 10, núm. 24, 2018, pp. 136-169. Web. 13 de setembro de 2024. <https://doi.org/10.5965/2175180310242018136>

Lucchesi, Anita. *For a New Hermeneutics of Practice in Digital Public History: Thinkering with me-morecord.uni.lu*. 2020. University of Luxembourg, Tese de doutorado. Web. 16 de setembro de 2020. <https://hdl.handle.net/10993/45831>

“Mapping the Republic of Letters”. Stanford University. Web. 13 de setembro de 2024. <http://republi-cofletters.stanford.edu/>

Menezes, Victor Ströele de Andrade. *Análise de Redes Sociais Científicas*. 2012. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tese de doutorado. Impresso.

Moretti, Franco. *Distant Reading*. Verso, 2013. Impresso.

Nicodemo, Thiago, Alesson Rota e Ian Marino, editores. *Caminhos da História Digital no Brasil*. Editora Milfontes, 2022. Impresso.

“Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS)”. Universidade Federal de Santa Catarina. Web. 28 de setembro de 2024. <https://nigs.ufsc.br/>

Pandolfi, Cláudia, e Paulo Bueno Newton. “Análise de Redes Sociais em História: Noções Básicas e Sugestões de Aplicação”. *Anais do XIX Encontro Regional de História. Profissão Historiador: Formação e Mercado de Trabalho*, 28-31 julho 2014, Anpuh, Minas Gerais, Juiz de Fora. Web. 1 de fevereiro de 2024. [https://www.researchgate.net/profile/Fernanda-Pandolfi/publication/337729310\\_Analise\\_de\\_redes\\_sociais\\_em\\_Historia\\_nocoos\\_basicas\\_e\\_sugestoes\\_de\\_aplicacao/links/5de7a91d299bf10bc33ea74c/Analise-de-redes-sociais-em-Historia-nocoos-basicas-e-sugestoes-de-aplicacao.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Fernanda-Pandolfi/publication/337729310_Analise_de_redes_sociais_em_Historia_nocoos_basicas_e_sugestoes_de_aplicacao/links/5de7a91d299bf10bc33ea74c/Analise-de-redes-sociais-em-Historia-nocoos-basicas-e-sugestoes-de-aplicacao.pdf)

“Plataforma Acácia: Genealogia Acadêmica do Brasil”. Plataforma Acácia. Web. 6 de agosto de 2024. <https://plataforma-acacia.org>

Rodrigues, Rita Colaço, Benito Bisso Schmidt e Elias Ferreira Veras. *Clio Sai do Armário: Historiografia LGBTQIA+*. Letra e Voz, 2021. Impresso.

- Schmidt, Benito Bisso. “História LGBTQIA+ no Brasil: Atravessamentos entre Militância e Produção Acadêmica”. *Clio Sai do Armário: Historiografia LGBTQIA+*, editado por Benito Bisso Schmidt, Elias Veras e Rita de Cassia Colaço Rodrigues. Letra e Voz, 2021, pp. 19-32. Impresso.
- Silveira, Pedro Telles da. “O que é uma ferramenta historiográfica?”. *História da Historiografia*, vol. 15, núm. 40, 2022, pp. 219-231. Web. 6 de setembro de 2024. <https://doi.org/10.15848/hh.v15i40.2071>
- “Six Degrees of Francis Bacon”. Six Degrees of Francis Bacon. Web. 13 de setembro de 2024. <http://www.sixdegreesoffrancisbacon.com/>
- Souza, Antônio Carlos dos Santos, et al. *Análise de Redes Sociais: Uma Abordagem Prática*. EDUFBA, 2019. Impresso.
- Veras, Elias Ferreira, Joana Maria Pedro e Benito Bisso Schmidt, editores. *(Re)Existências LGBTQI+ e Feminismo na Ditadura Civil-Militar e na Redemocratização do Brasil*. Edufal, 2023. Impresso.
- Veras, Elias, e Roberta Sodó, editores. *(In)Desejáveis: LGBTQIA+ e Feminismo na Imprensa de Alagoas (Século XX)*. Edufal, 2024. Impresso.
- Vianna, Eliza da Silva. “Alguma Coisa Aconteceu Comigo”: A Experiência Soropositiva nas Obras de Caio Fernando Abreu e Hervé Guibert (1988-1996). 2014. Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz, Dissertação de Mestrado. Impresso.